

“Fui picado por um
micróbio extraordinário
que vive dentro
da Gávea”

Uma nova espécie de beque

Numa época em que não havia Maracanã, quando o Campeonato Carioca por vezes tinha três turnos, jogava-se uma partida em casa, uma no estádio do adversário e outra em campo neutro. Pois lá estavam Flamengo e Botafogo em queda-de-braço nas Laranjeiras. Estamos nos idos dos anos de 1940, tempos de duelos de monstros sagrados do nosso futebol. O alvinegro Heleno de Freitas desfilava elegância e talento, mas do outro lado havia o grande Domingos da Guia a marcá-lo. Numa disputa mais acirrada, Domingos fez algo pouco comum no seu rico repertório futebolístico. Para evitar o gol de Heleno, deu um chutão que atingiu em cheio as sociais do Fluminense. Os aristocráticos tricolores que de lá assistiam ao jogo não perdoaram o “Divino”: vaiaram-no impiedosamente. Acharam que um craque do seu calibre não poderia simplesmente rebater uma bola daquela forma desgovernada – até os adversários estavam mal-acostumados, pois as intervenções do zagueiro rubro-negro eram normalmente caracterizadas por uma sutil categoria. Mesmo se tratando de uma espécie de homenagem, um reconhecimento à sua capacidade técnica, Domingos não gostou e fez um gesto feio na direção dos que o censuraram pelo bico de rumo incerto. Teve gente pedindo aos gritos a sua prisão, o que não aconteceu. Afinal, antes dele, muitos haviam feito algo igual e

ficaram impunes. No entanto, de um Da Guia ninguém esperava desconposturas como aquela. Logo Domingos caiu em si e percebeu que se diminuía ao reagir intempestivamente, e que, por isso, precisava de alguma forma se retratar, voltando a ser o Mestre Da Guia. Foi o que fez, como narra Mario Filho em um artigo na *Manchete Esportiva* de 1955:

“Domingos pegou uma bola a um metro do gol do Flamengo, pisou nela e chamou todo o ataque do Botafogo para cima dele. E lá foram os cinco com Heleno na frente e Geninho em último. A torcida do Flamengo virou o rosto. Nem queria ver. A torcida do Fluminense é que olhava fascinada para Domingos contra cinco. E Da Guia deu o primeiro drible de milímetros, o segundo, o terceiro, o quarto, o quinto. Depois estendeu um passe de cinquenta metros para Vevé, lá na ponta esquerda. A bola foi por cima da cabeça dos jogadores do Botafogo, que pularam e esticaram o pescoço o mais que podiam sem tocá-la. E lá foi a bola imaculada cair feito ramo de flores aos pés de Vevé. Então Domingos da Guia se voltou para a social do Fluminense, perfilou-se, depois se curvou e estendeu o braço direito num daqueles cumprimentos rasgados que exigem um chapéu com penacho para varrer o chão. Eu só vi a alta burguesia das Laranjeiras ficar de pé e aplaudir em palmas de queimar as mãos.”

Esse relato do inventor da moderna crônica esportiva brasileira é simbólico. Retrata fielmente a forma como Domingos era sempre entusiasticamente endeusado. Durante duas décadas de uma fulgurante carreira ele reinou absoluto na grande área. A idolatria não tinha paralelo. Talvez nem sobre Pelé se tenha escrito com tamanha reverência. Havia sempre algo de deslumbramento nas palavras que o definiam. Um fascínio que arrebatava, na mesma medida, torcedores, companheiros de profissão e até intelectuais da melhor estirpe.

Mario Filho o considerava o Machado de Assis do futebol. Nas páginas do seu *Jornal dos Sports*, uma espécie de “Bíblia do esporte” dos anos 30 aos 60, o craque tinha lugar cativo, sempre

glorificado como um “messias da bola”. O escritor José Lins do Rego, autor de obras clássicas como *Meninos de engenho*, era outro fã incondicional: dizia que Domingos “dominava de tal forma nervos e músculos que fazia com que sentíssemos orgulho da espécie humana”. Zé Lins era cegamente apaixonado pelo Flamengo, mas, nesse caso, ninguém o acusara de ser passional.

A verdade é que o futebol de Domingos se expressava de modo tão sublime e paradoxalmente vertiginoso que não havia quem ficasse imune ao seu encanto. Até os poetas se curvavam diante de seu talento. Augusto Frederico Schmidt afirmava que Domingos era tão inteligente quanto o célebre pensador alemão Goethe. O romancista Otávio de Faria, membro da Academia Brasileira de Letras, também se derramava em elogios: “O futebol de Da Guia tem a mesma harmonia das composições de Mozart.”

Quem o enfrentava nas quatro linhas não era menos enfático nas referências ao craque. Elba de Pádua Lima, o Tim, ídolo do Fluminense e da seleção brasileira, conhecido pela incrível capacidade de aplicar dribles secos e curtos, geralmente desmoralizantes, asseverava que era simplesmente impossível superar a marcação do zagueiro, tal o seu senso de colocação. Quando diante de Domingos, Tim preferia engatar a marcha a ré. Sabia que tentar ultrapassá-lo seria perda de tempo.

Numa época em que os meios de comunicação eram limitadíssimos e a tevê ainda nem existia, a fama de Domingos atravessou fronteiras. Jogou na Argentina e no Uruguai, onde arrebanhou hordas de fãs – comparecia-se aos estádios especialmente para vê-lo exibir sua



Domingos se preparando para um novo show

classe, como faziam os que freqüentavam casas de espetáculo para presenciar um virtuose da música ou do teatro. Nos jogos em que por ventura não atuava, em média, cinco mil torcedores deixavam de comparecer ao estádio. Ou seja, muita gente passou a acompanhar futebol no Uruguai só por causa do zagueiro: “Domingos é a perfeição apurada da defesa. É uma linha na qual se podem enfiar todas as pérolas de elogio que a palavra escrita tributa ao futebol”, elogiou o jornal *El Día*, de Montevideú, em 28 de maio de 1933, três meses após a estréia do zagueiro.

O escritor uruguaio Eduardo Galeano cunhou uma frase definitiva que resumiu a dimensão da sua técnica: “A leste, a muralha da China. A oeste, Domingos da Guia. Nunca houve zagueiro mais sólido na história do futebol mundial.”

Não foi de surpreender que, no Uruguai, Domingos da Guia acabou recebendo o título com o qual ficou conhecido para eternidade: “El Divino Mestre”.

Com tanto cartaz poderia se imaginar que Domingos da Guia não possuísse defeitos. Não, ele não era perfeito, o que, por um lado, só aumentava a sua condição de gênio do futebol. Dizia-se, por exemplo, que sua impulsão não era das melhores, o que se compensava pela grande capacidade de antecipação nas jogadas aéreas. Outros pontos fracos: não chutava com a perna esquerda e a velocidade estava longe de ser seu forte. Além disso, mesmo tendo sido criado e polido nas peladas de calor escaldante no bairro de Bangu, detestava dar piques debaixo de sol.

A boemia era outra faceta da sua personalidade, assim como a de nove entre cada dez jogadores do seu tempo. Não abria mão das noitadas regadas a cerveja e mulheres, nas quais a gastança corria solta. Nunca tendo sido de economizar, terminou pobre. Sobreviveu graças a uma modesta aposentadoria de ex-fiscal da Secretaria de Fazenda e morou num apartamento do Méier, comprado por seu filho Ademir da Guia, craque do Palmeiras, que herdou muito do seu talento. Em Montevideú, quando jogava no Nacional, Domingos foi assíduo freqüentador dos bares e cabarés da cidade. Seu parceiro constante

nessas incursões noturnas era Leônidas da Silva – àquela altura no Peñarol –, que por não conseguir manter o bom rendimento em campo, também pelas inúmeras contusões, acabou caindo em desgraça com a imprensa local – voltou ao Brasil, em 1934, a bordo do navio *Augustus*, com o prestígio na sola do sapato e se vendo obrigado a aceitar uma proposta do Vasco cujo valor era metade do que ganhava no Uruguai.

Domingos, no entanto, manteve o cartaz intacto, pois, apesar dos abusos nas madrugadas, seu desempenho nos gramados não caía; provavelmente em razão da singularidade do estilo pouco afeito a correrias. O que se comentava era que a sua categoria era tamanha que chegava a inibir os que ousassem aproximar-se da área que vigiava. Diante do “Divino”, ainda segundo Tim, os atacantes adversários ficavam como que hipnotizados. Era quando ele se aproveitava para roubar-lhes a bola, sem gastar fôlego ou suar a camisa. Por isso ele mesmo, Tim, optava por recuar.

De posse da bola, nada de chutões para frente. É que Domingos tinha também o dom do drible e o aplicava, seguidamente, dentro da própria área sem cerimônia e com total segurança – sua extrema habilidade o permitia ousar de tudo em matéria de futebol. Essa jogada, pelo seu alto risco, e que inicialmente chegava a fazer com que os torcedores sentissem um frio na espinha, acabou sendo imortalizada como “domingada” – com o tempo o termo acabou sendo desvirtuado, passando a designar o cochilo de um zagueiro ao tentar uma jogada de efeito nas imediações ou dentro da sua área.

O fato é que Da Guia simbolizava um novo tipo de zagueiro que surgia no Brasil, o de estilo clássico, que jogava com categoria, a mesma de um bom meio-campista. Até a era Domingos, beque que se prezasse não precisava ser mais do que um mero rebatedor de bolas, normalmente desprovido de qualquer técnica. Pode-se dizer que o “Divino” reinventou a posição. Transformou zagueiro em jogador de futebol, ou, pelo menos, apontou essa possibilidade.

As origens. Domingos da Guia nasceu em Bangu, no Rio de Janeiro, em 19 de novembro de 1912. Seus pais eram lavradores e tinha três irmãos mais velhos, todos bons de bola.

Luiz Antônio, o primogênito, atuou durante toda a carreira no Bangu. Eram tempos de amadorismo e ele jogava onde o escalassem. Se faltasse um zagueiro era só chamar Luiz Antônio. Se fosse necessário alguém para armar o jogo, lá estava ele pronto para entrar em campo. Como atacante também não fazia feio. Sua versatilidade deixava todo mundo de queixo caído e, mesmo recebendo convites do América e do Vasco, nunca admitiu deixar o tradicional campo da rua Ferrer. Foi vice-campeão da segunda divisão em 1914 e vice-campeão carioca em 1916.

O segundo da dinastia dos Da Guia foi o atacante Ladislau. Mais baixo que Domingos, porém mais encorpado, era um artilheiro nato. Tinha um chute potentíssimo (que ficou conhecido como “tijolo quente”) e fez grande sucesso. Tornou-se campeão carioca pelo Bangu em 1933 – ano do primeiro campeonato da era profissional – e campeão brasileiro de seleções, em 1935. Da mesma forma que Domingos, e ao contrário de Luiz Antônio, deixou-se seduzir por propostas de outros clubes. Passou pelo Vasco, América, Canto do Rio e Flamengo. Mas na hora de pendurar as chuteiras voltou às raízes bangüenses.

Mamed, que ficou conhecido como Médio, era o terceiro craque da família. Bom marcador, também alçou vôos longe do perímetro de Bangu. Antes disso, porém, deixou seu nome na história do clube. Tal como o irmão Ladislau, ajudou na conquista histórica de 1933. Depois brilhou no Flamengo, chegando à seleção brasileira em 1939.

Domingos cresceu, portanto, vendo os manos comendo a bola – inspiração familiar não lhe faltava. De fato, desde cedo, aquele menino escurinho e magrelo já se tornara atração nas peladas de várzea do bairro. Seu estilo sóbrio e elegante desabrochava com força vulcânica, não respeitando qualquer hierarquia. Vinha gente de longe só para ver o garoto desarmar grandalhões como quem toma bala